

EXPERIÊNCIA CONSCIENTE E DISCURSOS RELIGIOSOS: O MUNDO VIVIDO LINGUÍSTICO

CONSCIOUS EXPERIENCE AND RELIGIOUS SPEECHES: LINGUISTIC LIVED WORLD

JULIEVERSON MATHIAS AIOLFI*

DIEMERSON SAQUETTO**

MARIANE LIMA DE SOUZA***

ISSUE DOI: 10.5008/1809.7367.054

RESUMO

Este trabalho analisa o discurso das religiões Católica, Luterana, Universal e Kardecista a fim de compreender como o mundo vivido (*lebenswelt*) compartilhado pelos membros de uma dada religião reflete a intencionalidade e a expressividade manifesta no discurso do líder religioso que representa os seus respectivos credos. Participaram do estudo oito indivíduos adultos (quatro mulheres), dois frequentadores de cada um dos quatro cultos religiosos, que responderam a um roteiro de entrevista semiestruturado. Também compôs o corpo de dados a fala dos quatro líderes religiosos durante um culto. Os dados foram analisados conforme os critérios da fenomenologia semiótica. Os resultados sugerem uma consonância entre o discurso do frequentador e o do respectivo líder religioso. Conclui que o tipo de discurso proferido pelo líder religioso influencia, por meio da dominância, o *mundo vivido linguístico* do frequentador.

Palavras-chave: Experiência consciente. Fenomenologia. Discurso religioso.

ABSTRACT

This paper analyzes the discourse of Catholic, Lutheran, Universal and Kardecist religions to show that the lived world (lebenswelt) shared by members of a particular religion reflects the intentionality and expressiveness evident in the speech of religious leaders representing their respective beliefs. The study included eight participants (4 women), two churchgoers of each religion who responded to a semi-structured interview protocol. Board of data was also composed by the four religious leaders speech during a worship service. Data were analyzed according to the criteria of semiotic phenomenology. Results suggest a consonance between churchgoer's speech and its respective religious leaders. It is concluded that the type of speech proffered by religious leader influences, through dominance, the linguistic lived world of the churchgoer.

Keywords: Conscious experience. Phenomenology. Religious speech.

* Psicólogo – Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

** Doutorando em Psicologia – Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

*** Doutora em Psicologia do Desenvolvimento – Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

INTRODUÇÃO

A experiência consciente pode ser definida, de forma geral, como um sentimento ou conhecimento que permite ao ser humano experimentar ou compreender aspectos ou a totalidade de seu mundo interior (BUENO, 2002; ENGELMANN, 1997, 1998, 2001). Para Gomes (1998), a experiência consciente, num primeiro momento, é como uma massa indiferenciada de sensações que vai, acerca de sua estrutura mais nuclear, obedecendo a um conjunto de leis próprias que, independente da vontade, passa a organizar-se; é uma percepção de algo que, da ingenuidade, passa a locar-se de maneira a evidenciar uma conjuntura lógica. A fenomenologia semiótica (LANIGAN, 1998) coloca em foco, por sua vez, uma perspectiva hermenêutica que trata a consciência como um movimento entre a percepção e a expressão. Tal circularidade entre percepção e expressão produz o sentido da consciência imediata e de toda atividade da consciência (mediata) por meio de uma linguagem comum. Conforme Engelmann (1997, 1998), a consciência imediata é real, verdadeira, apresenta-se sem intermediários sendo, pois, a totalidade que o observador pode sentir, imaginar e pensar num determinado momento que não ultrapassaria o tempo de quatro segundos (SOARES, 2008). Já a consciência mediata é tudo aquilo que podemos pensar sobre outras pessoas ou animais como consciência destes e também o que pensamos sobre nossa própria memória como consciência passada. A consciência mediata pode ser distinguida entre uma *consciência-mediata-do-observador*, isto é, o conjunto de memórias do próprio observador, e uma *consciência-mediata-dos-outros*, que só pode existir por meio de inferências de outrem (ENGELMANN, 1998). Essa última é um acontecimento profundo do organismo que só pode ser acessado a partir de acontecimentos superficiais, os indicadores de consciência. Via de regra, o relato verbal constitui-se como o principal indicador de consciência passível de investigação para um pesquisador fenomenólogo.

Nesse sentido, a linguagem desempenha papel fundamental na compreensão da consciência, como mediadora entre consciência e experiência (MERLEAU-PONTY, 1945/1971) e, portanto, é a via de expressão através da qual os objetos da experiência se mostram à consciência. Na fenomenologia husserliana, a linguagem compartilha o sentido presente na noção de mundo-da-vida, ou Mundo Vivido, em que se atribui ao mundo a inexatidão e a impropriedade de algo ainda por fazer. Esse mundo por se fazer como construção compartilhada nos lastros linguísticos produz sentido pela expressão da comunidade. E o processo de constituição da cultura pessoal acontece pela construção semiótica do conhecimento da qual participam fatores cognitivos, emocionais e motivacionais (TACCA, 2005). O sujeito, como autocompreensão, revela-se então no dito, em um “mundo vivido linguístico”.

No presente estudo, tomaram-se em análise os discursos religiosos imbuídos de uma crença valorativa como manifestação de um sentido aqui entendido como um sistema subjetivo que expressa, de forma única e diferenciada, o valor subjetivo de uma experiência para um indivíduo e para um espaço concreto (GONZÁLEZ-REY, 2005). O problema de pesquisa articulou-se, portanto, em torno da questão mais geral de como a experiência religiosa consciente pode criar um mundo vivido linguístico próprio aos indivíduos pertencentes ao lastro religioso que confessam. Para tanto, o objetivo principal foi descrever o discurso das religiões Católica, Luterana, Universal e Kardecista, a fim de compreender como o mundo vivido (*lebenswelt*) compartilhado pelos membros de uma dada religião reflete a intencionalidade e a expressividade manifesta no discurso do líder religioso que representa os seus respectivos credos.

MÉTODO

Estudo qualitativo (CRESWELL, 2010), caracterizado como descritivo quanto aos objetivos e à análise dos dados coletados (GIL, 2002) e seguindo os critérios de análise da fenomenologia semiótica (LANIGAN, 1988; GOMES, 1998) que tem como propósito central acessar e descrever a experiência consciente como um ato comunicativo de um corpo situado num determinado ambiente (DESOUZA; DASILVEIRA; GOMES, 2008). A descrição fenomenológica consiste em apresentar os dados coletados

sem um pré-julgamento. O pesquisador coloca-se em suspensão diante deles como se não tivesse um conhecimento prévio ou hipóteses sobre tais situações. A redução fenomenológica procura trazer à tona características essenciais ao fenômeno estudado. Por sua vez, a interpretação fenomenológica busca unificar no sujeito a experiência consciente do fenômeno e a consciência dessa experiência, por meio de uma lógica que agora é tornada explícita, sendo, então, o direcionamento da consciência para o objeto da experiência a busca do sentido íntimo que possa ser compartilhado pela comunidade da alteridade.

Participantes

Participaram do estudo oito indivíduos (quatro homens e quatro mulheres) com idade entre 20 e 60 anos, nível educacional e profissões variadas, sendo escolhidos um homem e uma mulher de cada grupo religioso, a saber: Católica Apostólica Romana (cristã tradicional); Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB, cristã protestante tradicional); Igreja Universal do Reino de Deus (IURD, cristã neopentecostal) e Espírita (cristã kardecista – espiritualismo da reencarnação). Tratou-se de uma amostragem por conveniência.

Instrumento

Utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado de sequência flexível, com 11 tópicos em forma de perguntas abertas, dentre as quais: você pertenceu a outra religião? Se sim, qual e por quê? Você se sente bem nesta religião? Por quê? O discurso (pregação/sermão) satisfaz suas expectativas? Quais seriam seus temas preferidos em um discurso?

Procedimentos de coleta e análise dos dados

A coleta ocorreu em dois momentos. Primeiramente, o pesquisador comparecia à liturgia da respectiva religião, participava do momento conjuntamente com os membros da igreja e gravava o discurso do líder religioso proferido durante a celebração. Após a liturgia, convidava os participantes para participar da pesquisa, esclarecendo os objetivos do estudo. Dado o consentimento, eram entrevistados individualmente por, em média, 15 minutos. Para todos os procedimentos, foram observados os padrões éticos definidos pelos regulamentos nacionais e internacionais de pesquisa. Os dados foram analisados seguindo-se os três passos reflexivos da fenomenologia semiótica: descrição, redução e interpretação.

RESULTADOS

Descrição fenomenológica

Os dados obtidos permitiram uma contextualização temática focalizada em dois aspectos fundamentais: uma descrição locada no discurso da instituição, expresso nas falas dos líderes religiosos, e outra descrição baseada na percepção dos fiéis respondentes.

A linguagem dos líderes religiosos: o discurso da instituição

O culto na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) apresenta um foco histórico e institucionalista, enfatizando aspectos de suas origens no Brasil e reforçando a importância da organização eclesial da Igreja.

Uma história de esperança que está presente em cada um de seus membros reunidos em comunidades em todo o Brasil do extremo norte ao sul formando uma igreja nacional e evangélica com uma história que se iniciou há mais de 180 anos. Em 1824, dois grupos de migrantes alemães chegaram ao Brasil, formando colônias em Nova Friburgo (Rio de Janeiro) e São Leopoldo (Rio Grande do Sul).

Na reunião da Religião Espírita, o caráter do discurso é informal, embora o foco na doutrinação esteja sempre presente.

*No sábado retrasado, **se não me engano**, saiu uma matéria na Gazeta com pessoas dizendo que não precisavam frequentar igreja **tal e tal**. Aí eu olhei aquilo e falei um **monte de abobrinha**, e essa aqui me disse **para calar a boca...** porque nós aprendemos aqui na família... **Não é isso mesmo?***

O discurso do padre durante o rito da missa da Igreja Católica está vinculado a uma explanação das leituras proferidas (homilia). Mostra-se mais tradicional e próximo a um discurso teológico e catequético com inspirações morais pontuadas em perguntas retóricas proferidas pelo líder católico.

O Senhor nos chama de volta. É hora de deixar o exílio e voltar. [...] e aí é a hora de a gente perguntar: onde é a sua cegueira? Onde é o seu exílio? Quando que a gente fecha os olhos pra as notícias e para o irmão que está precisando de ajuda, finge que não é com a gente?

O discurso do líder neopentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) mostra-se conduzido pelo sentimento do fiel, com orações curtas e incessante diálogo participativo com os membros da Igreja, pontuado nas constantes perguntas afirmativas ao final de cada fala do pastor.

Pastor: [...] Ela não tem medo de subir ao altar e se colocar à disposição de Deus como um sacrifício, a exemplo do que fez Jesus, a exemplo do que foi feito com Isaac. Compreende o que estou falando, sim ou não? [Fiéis (em coro): Sim].

A linguagem dos fiéis: a relação dialógica

O discurso dos fiéis sugere uma consonância entre o discurso do indivíduo e o discurso religioso proferido pelo respectivo líder. Há uma satisfação com a própria escolha religiosa, acompanhada de concordância e aceitação com o discurso do líder, embora haja uma visão crítica referente à maneira de o líder se manifestar, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo do discurso. Tal satisfação aparece associada a um modelo de autoentendimento do indivíduo e não a uma tradição religiosa transmitida pelos familiares. Contudo, o meio religioso é descrito como uma rede de apoio que permite ao indivíduo ter suas necessidades correspondidas e sentir-se consolado, de tal forma que muitas vezes desempenha o papel da família:

Eu me agrado muito com tudo que é feito aqui na casa, pois fala muito sobre o convívio com a família, a cooperação. (S. D. A., Espírita).

O discurso do fiel aparece em consonância com o discurso institucional e o discurso do líder religioso, tanto na forma como no conteúdo. A escolha do tema que permeia sua fala, o repertório de palavras proferidas ou mesmo a ressignificação de eventos anteriores à sua conversão aparecem intimamente ligados entre si e com o discurso institucional, em um *lebenswelt* linguístico:

Eu já fui católico, mas não era praticante. Na minha juventude, eu sempre estive longe de Jesus, chegando até a ir na macumba... Aí minha mulher veio procurar ajuda aqui, na Igreja... E aí na nossa vida tudo melhorou [...] (R. V. S., IURD).

Redução fenomenológica

O discurso religioso institucional sugere um mundo vivido de valores cristãos compartilhados, pautado pelo caráter mediatizado da fé transcendental e pelo anúncio de posturas comportamentais locadas no simbólico e imagético. No entanto, a estrutura linguística pode variar entre tradicional, crítica, moderna ou informal, de acordo com as características da respectiva congregação religiosa ou de seu líder religioso. Desse modo, ela viabiliza um sentido conveniente ao indivíduo que se faz membro de uma congregação religiosa. Luteranos e católicos apresentam liturgia e estruturação simbólica muito semelhantes. O discurso histórico, voltado às origens e princípios de suas respectivas religiões, a fim de solidificar as bases religiosas, aparece como um estruturador de sentido para ambos. Espíritas, por outro lado, primam pela proximidade entre os membros do grupo e buscam respostas a questões existenciais diversas, por meio de racionalização e inteligibilidade: a salvação dos católicos associa-se a um processo pessoal de autoentendimento. Os membros da IURD compartilham uma mística celeste acompanhada de um sentimento de transcendentalidade que conduz à cura e à libertação não apenas no plano espiritual como também no material. Nesses casos, o estabelecimento de sentido aparece ligado especialmente à ressignificação de suas vidas, numa contraposição entre o que se era e o que se é agora.

O mundo vivido linguístico dos fieis abrange, ainda, um forte sentimento de empatia com o líder religioso. A ênfase em um ou outro atributo do líder varia de uma religião a outra, mas, de forma geral, o líder religioso deve ser um exemplo de coerência entre o que se prega e o que se pratica, ter “personalidade forte”, ser alguém bem conceituado pela congregação, além de apresentar um discurso que seja interessante para que o fiel se sinta mais acolhido e identificado com a religião que segue.

Interpretação fenomenológica

O indivíduo estabelece relações no sistema religioso que o levam a um sentimento de pertença com um sentido ulterior à manifestação religiosa, mas ao mesmo tempo atrelado ao sentido de sua fé. O sentido religioso que o indivíduo vivencia se expressa na consciência em um diálogo entre o seu discurso e o discurso institucional. O membro religioso acaba por ser incluído a um repertório linguístico, analisado neste estudo, que é próprio ao seu ambiente religioso. Quando as ambivalências são maiores que as consonâncias, o sujeito troca de religião ou muda adaptativamente sua percepção naquele ambiente, ou ainda desconsidera a religião como possibilidade autocompreensiva e remete tal exercício e sentimento às outras possibilidades tantas de inserção no sentido e no mundo-da-vida. Entretanto, quando o sujeito encontra mais consonâncias e adaptabilidade àquele ambiente religioso, não somente se introduz nele um repertório, mas ele passa a fazer parte de um mundo-da-vida que lhe é próprio e que está sempre em construção. O indivíduo possui particularidades linguísticas assim como de sentido e, portanto, o mundo vivido configura, além de um sentido, uma linguagem.

DISCUSSÃO

O discurso do membro religioso mostrou-se, neste estudo, em consonância com o discurso da instituição, de tal forma que o discurso mais crítico de um líder religioso se refletia em um discurso mais crítico no fiel; o discurso mais acalorado de um líder, em um discurso também acalorado no fiel. Do ponto de vista da abordagem dialógica em Psicologia, é possível entender que a noção de poder social ou dominância é uma característica intrínseca dos processos dialógicos e, além do mais, intimamente

associada à posição que uma pessoa ocupa numa instituição particular (HERMANS, 2001). Há quatro diferentes dimensões envolvidas na dominância de interação: dominância interacional (a parte dominante faz a maioria dos movimentos iniciais e contextualiza o diálogo), dominância temática (a parte dominante introduz e mantém temas e perspectivas temáticas bem como direciona a conversação como um todo), quantidade de fala e movimentos estratégicos (*insights* que podem ser influenciados pelas ideias bem colocadas pela fala do interlocutor). No discurso religioso, quem comanda o diálogo é o líder. A dominância interacional, a quantidade da fala, a dominância temática e os movimentos estratégicos estão sob guarda desse líder, logo ele tem a chave da consonância discursiva entre Igreja, fiel e líder. Consequentemente, essa consonância leva a uma possível identificação de repertório linguístico e, por vezes comportamental, entre as partes.

A consonância entre discurso do líder e discurso do fiel pode ser explicada ainda de uma perspectiva pedagógica vygostkyniana. Conforme Tacca (2005), a prática discursiva faz o papel de elaborar e compartilhar os significados que transitam nas relações entre o social e o individual, isto é, nas relações dialógicas e intersubjetivas. E o discurso religioso baseia-se nesse tipo de relacionamento, pois a catequese estabelecida entre o líder e o fiel pode ser entendida também como uma relação pedagógica.

Outro aspecto que poderia explicar a consonância entre os discursos do líder e o do fiel é a apropriação da fala do outro. Essa perspectiva trabalhada por Smolka (1994, *apud* TACCA, 2005) sugere que a fala do outro se transforma na própria fala do indivíduo, tornando-se uma “propriedade privada”: no discurso do sujeito transparecem as diversas vozes integrando o próprio mundo com o mundo dos outros. É o caso do discurso do fiel que parece uma reprodução do discurso do líder de sua própria religião, formando uma comunidade verbal, um *lebenswelt* linguístico, em que muitas vezes não se sabe quem é o legítimo “proprietário” das palavras proferidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pontuou a importância que o líder religioso tem sobre o sentido que o membro religioso dá à sua vida pessoal, ressaltando o papel central que o líder religioso desempenha nessa relação. Contudo a interação social entre o fiel, seus pares e o líder também cumpre um papel importante nessa relação pedagógico-catequética na construção e manutenção desse sentido. Assim, é possível sugerir que cada modelo religioso apresenta uma faceta de Deus e do Sagrado, em discursos diferentes, em comunidades e contextos diferentes, com necessidades diferentes, mediados, contudo, por uma construção dialógica pela qual o indivíduo é também responsável.

REFERÊNCIAS

- BUENO, J. L. O. A consciência como “ponto de partida”. **Paidéia**, v.12, n. 22, p. 83-87, 2002.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DESOUZA, M. L.; DASILVEIRA, A.; GOMES, W. B. Verbalized inner speech and the expressiveness of self-consciousness. **Qualitative Research in Psychology**, v. 5 n. 2, p.154-170, 2008.
- ENGELMANN, A. Dois tipos de consciência: a busca da autenticidade. **Psicologia USP**, v. 8 n. 2, p. 25-67, 1997.

ENGELMANN, A. Ciência natural e consciência. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.11 n. 2, p. 273-280, 1998.

ENGELMANN, A. O meu-mundo e o resto-do-mundo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.14 n. 1, p. 211-223, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, W. B. (Org.). **Fenomenologia e pesquisa em psicologia**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

GONZÁLEZ-REY, F. (Org.) **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HERMANS, H. J. M. The dialogical self: toward a theory of personal and cultural positioning. **Culture & Psychology**, v. 7, n. 3, p. 243-281, 2001.

LANIGAN, R. L. **Phenomenology of communication**: Merleau-Ponty's thematics in communicology and semiology. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1988.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1945-1994.

SOARES, E. **Epistemologia das neurociências**: o mental como objeto de investigação empírica, 2008. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0433.pdf>>. Acesso em: 20 out 2010.

TACCA, M. C. Relação pedagógica e desenvolvimento de subjetividade. In: GONZÁLEZ-REY, F. (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 215-239.

Recebido em abril de 2012

Aceito em agosto de 2012

Correspondência para/ Reprint request to:

Diemerson Saquetto

Rua Engenheiro Rubens Bley, 141, Bairro Itararé

Vitória/ES, CEP: 29047-545

E-mail: saquetto@gmail.com